A maior tiragem de todos os semanarios portugueses
NUMERO 85 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

EM MARROCOS

O ultimo e terrivel avanço dos Rifenhos!

Duas ordenanças mouras que correram velozmente conseguiram prevenir a artilharia de Abd-el-Krim da passagem dum comboio espanhol, do que resultou a ultima grande chacina desta semana e na qual perderam a vida algumas centenas de europeus, e entre eles alguns oficiais da alta aristocracia de Madrid.

Pag. 2
O DOMINGO ilustrado
ANO I — N.º 35
LISBOA 13 DE SETEMBRO DE 1925
PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

écos

Falta d'agua e d'outras coisas mais

Este santo país, até pela questão das aguas está a pedir chuva,

Siga o leitor este raciocinio e veja se não temos razão

Dizem as gazetas que o sr. Ministro do Comercio chamou repetidas vezes o sr. Carlos Pereira para vir tomar conta das aguas.

—Oh! Pereira, venha v. tomar conta disto!

E nestes trez mezes, trez vezes se pediu ao sr. Carlos Pereira que tomasse conta «disto».

S. Ex.ª a muitos rogos, aceitou. Noutro qualquer paiz, uma vez que faltassem as aguas na capital, naturalmente procurar-se-hia estudar a fundo a questão e os remedios para o mal. Aqui, o sr. Ministro coça o queixo, e chama o sr. Pereira. Mas, quaes são as habilidades do famoso pulso forte das aguas—o agua fortista—sr. Carlos Pereira? A habilidade deste funcionario consiste em convencer a população de Lisboa de que tem agua—embora não corra nem mais pinga.

Foi para este merito, que com toda a força apelou o Ministro do Comercio.

Puzeram-se então em campo os «trucs» admiraveis deste prestidigitador já celebre das aguas-turvas. Assim, o sr. Pereira, manejando apenas torneiras, porque agua não tem, consegue realmente pelo processo da magnetisação á distancia, convencer o publico de que a agua corre o preciso. E' simples: das 3 ás 5 corre agua na Estrela; e a população corre em massa á Estrela. Mas—engano fatal!—a agua corre nessa altura, no Intendente. Quando porem as bilhas se precipitam para o Arco do Cego, apenas pinga no Poço do Bispo, e findo o dia, chega-se á conclusão de que ha agua nos depositos. De dia apenas correu suor.

Alem disso o sr. Carlos Pereira declara que está ao telefone, de dia e de noite, e disposto, para quem pedir, a verter aguas...

Feliciano Santos

O nosso querido amigo e brilhante colaborador está em Caxias. Tanto basta para o leitor ficar informado de que a falta de Feliciano Santos nestes dois ou tres domingos é justificada e corresponde a um repouso merecido.

Cá o teremos novinho em folha e tostado do sol em Outubro, dando nessa altura uma renovação completa á sua colaboração, sempre tão estimada, nesta gazeta que ele recebeu nos braços quando a demos á luz.

Correspondencia de «Novos»

O Sr. Pereira Junior envia-nos uma pequena narrativa onde mostra excelentes aptidões. Queira escrever uma novela no genero das nossas—mesmo tamanho rigorosamente, e tanto quanto possivel, acção, movimento e entrecho, porque não lhe faltam qualidades para isso.

O que agora nos manda, comquanto interessante, é impublicavel neste jornal.

CONHECIMENTO

—Diz o medico que o tens é dispepsia!
—Dispepsia não vem do latim?
—Não! Vem das bebedeiras que tens apanhado!

Má língua

O FADO DO CENTRO

Ai Centro que foste centro
ai Centro que já não és;
só tens minhócas por dentro
da cabeça até aos pés.

nutres o ideal nunca visto,
— esse ideal tão pouco ideal, —
de resurgir Jesus Christo
numa urna eleitoral;

talvez tivesses ouvido
sem ter entendido bem,
que o Redemptor foi nascido
na estrebaria,—em Belém ...

Pretendes que toda a gente,
caldêa se sacrifique
a ver a crença do crente
feita chapéu de cacique.

Queres impor como regra
— que a mais ninguem lembra-
ria —
mil venias á Missa Negra
de Santa Maçonaria ...

Dar a esquerda á bofetada
depois de um «box» na direita,
é lei que os Santos agrada
—mas com homens não se ageita;

que, de resto, se a segunda
segundo «box» apanhar,
a tua sciencia profunda
não diz que mais se ha de dar...

Nem ousas dar uma trépa
na lei da Separação:
que em vinho da mesma - cêpa
te distribuem—ração.

Dizes que Roma é quem manda!
Submisso, serves os fins
de outro regente de banda
chamado Pedro Martins.

Affirmas que na questão
da tua ingrata porfia
inda agôra a procissão
não sahiu da sachristia;

e eu creio; porque uma bóta
que se começa a calçar,
quando a consciencia se embóta
faz-se bóta de montar!

Tu não levantas a luva.
Inda os maçons marechaes
serão guardados da chuva
por pallios de cathedraes.

Ajuda o Senhor dos Passos,
poucos semestres volvidos,
se tornará, nos teu braços,
Senhor dos Paços Perdidos.

Junqueiro e que anda a inspi-
rar-te.
Das suas diatribes, vi
bastantes plagios sem arte
postos em scena por ti ...

Nenhum atheu desespére,
pois, em pouco, te verá
tu cá tu lá com Voltaire
nas delicias do sofá.

Quem seria o figurão
que se vestiu de Satan,
e te deu volta á rasão
com um quarto de maçã? ...

Não te benzas; se tens feito
tantos erros e tolices,
não te nasceram no peito;
cheiram lógo a Satanices!

Eu, cuidei,—mas já estou farto
de o pedir á Providencia,—
que, em ti, fosse aquelle «quarto»
dos de pouca permanencia;

mas se colhar, pobre amigo,
por um capricho senil,
já o soldaste comtigo
nalgum registo civil ...

Deus te cure da cegueira;
usas lunetas de chumbo.
Co'uma vára marmelleira
armo-te os ossos em bumbo.

Mas sei,—assim tem de ser,
já que fazes sempre assim—
que quanto mais te bater
mais tens que gostar de mim!

TAÇO

questão prévia

PEDIR

Há pessoas que nascem com habilidade para tudo.

Elas fazem caixinhas de madeira, arranjam relogios, grudam louça rachada, afinam guitarras, imitam assinaturas, põem paus para a roupa, fazem pasteis de bacalhau, uma infinidade de aptidões que é de pasmar. Outras ha, que não teem geito para coisa alguma. Se concertam um relogio, sobeja-lhes sempre uma roda maior do que o relogio, se tentam endireitar um chapeu de sol, fica-lhe a obra num bengala torta e se lhes passa pela cabeça engendrar qualquer especie de carpintaria, é certo que no fim, apenas conseguem fazer um caixote sem fundo, nem tampa, nem lados.

Eu pertenço á segunda falange. Sou incapaz de concertar um pé de comoda ou de endireitar um arame e, ha sobretudo uma outra coisa para que eu tenho a maior negação conhecida nos auaes da incompetencia: é para pedir.

Por mais que torça e destroça sae sempre asneira. A's vezes levo um dia completo a compôr palavras, a enfileirar razões, a sopezar sistemas, mas quando chega a hora do pedido, por mais que ponha em pratica todo o meu estudo aturado, é fatal e certa a resposta: *Não!*

Tenho experimentado todas as formas, rapida, lamurienta, adjectivante, comedida, sobranceira, mas o resultado é o mesmo. O *não* vem sempre com uma ligeireza e uma certeza matematica, que me deixa atordoado!

Falarei alto de mais? Falarei baixo excessivamente? Não dobro a espinha nos graus necessarios ou levanto a cabeça alem da medida?

Não sei! Só sei que não sei pedir, sim porque os outros pedem e são servidos, uzando as mesmas palavras e os mesmos gestos, emquanto que eu...

E' assim tão dificil a arte de pedir?! Pois não desisto e para treino, vae em cantiga:

Na presença do publico ilustrado
Vem artista pedir proteção . . .

BONECAS

Uma pequerrucha loirita e faladora como todos as pequerruchas, pediu-me ha dias, na sua entaramelada linguagem de trez anos, o brinde de uma boneca, «uma menina para eu trazer ao colo a fingir que é muito mázinha» como ela disse.

As petizas, enquanto não sabem que pertencem ao sexo femenino e não teem por isso os inumeros senões que esse conhecimento implica, tiveram sempre o condão de me tornar menos agreste menos azedo e até, permita o leitor a tolice, menos mau. Não sei porquê, mas os olhitos garços d'uma garota de quatro anos, falam-me mais á alma, do que quantos exemplos de virtude e lições de sã moral, tenho visto e ouvido pela vida fóra,

A vontade energica e arguta de uma mulher, nunca poderá destrilhar a conducta que traço ás minhas razões, mas o sorriso franzino e doce duma petizita, é capaz de fazer de mim um farrapo sem geito, e de atirar com todas as minhas teorias, para casa do demonio mais velho.

Questão de hidiosincrasia, interessa-me sempre mais a linguagem estranha e balbaciante duma creança, do que a retorica inteligente e fixa duma adulta. Chego até a compreender o que diz uma garotita, facto que já não aconte ce com uma feminina, que tenha entrado na segunda dezena dos anos.

Pois não consegui comprar a boneca! Fui a todas as lojas da especialidade e só encontrei mônas de trapos indecorosas e bonecas do tamanho de gente, catalogadas por um preço que a minha profissão de cavador da existencia, não deixa atingir.

E agora, aqui estou pezaroso, sem poder dar á garota a boneca que pediu e a contas com um desejo enorme de lh'a dar! Mas, parece-me que já achei a solução do problema. Vou ao Chiado ahi pela volta das cinco horas, agarro n'uma das nossas elegantes e levo-a á petiza. O peor é se ela diz que me pediu uma boneca e não um boneco!?

CALVOS

Segundo diagnostica certo sabio (um deste sabios de grandes oculos e queixo barbaçudo que costumam morar nas ilustrações dos contos policiaes), os homens em poucos anos, serão completamente calvos.

Tal profecia, além de ser um pouco desagradavel para os que teem o cabelo como arma de agrado, vem pôr de sobreaviso a briosa classe dos barbeiros que já não deve vêr no oficio coisa de grande futuro.

Afiança o ilustre homem de sciencia capilar, que a grande percentagem de calvos, deriva do trabalho da inteligencia, isto é, que a faina intelectual produz a careca, ou, mais terra á terra, que a inteligencia não faz bom cabelo a ninguem.

A nova não é perfeitamente inedita. Já Schopenhauer disse: cabelos compridos, ideias curtas. Parece que á medida que cresce a inteligencia desaparece o cabelo e vice-versa, o que vem até certo ponto justificar o velho costume da tosquia dos burros em Março.

Na verdade, ninguem sabe para serve o cabelo. Socrates, Platão, Seneca e tantos outros homens com H grande, eram calvos e, com isso apenas perderam... o cabelo. Em compensação, muitos outros de ideias avançadas e cabelos idem, não avançam um passo no caminho das miras intelectuaes.

O cabelo é um ornamento natural! dirá qualquer sujeito de guedelha poetica. Pois sim, mas além da utilidade de segurar o chapeu, não lhe encontro outra serventia digna de existencia.

Eu sou pela calvice, já porque respeito a opinião do tal sabio, já porque evita os cortes de cabelo, tortura de paciencia a certos espiritos não se afazem.

Além disso ainda a calva traz uma outra enorme e impagavel vantagem. Emquanto a humanidade fôr cabeluda, corre-se o risco de mandar recolher o jantar e ficar com o estomago avariado, ao passo que, com todos calvos, não ha grande probabilidade de encontrar uma caresa no prato da sôpa.

POUCA EDUCAÇÃO

—Que mal educado estás!? Acaba de passar a madame Lopes e nem sequer lhe tiraste o chapeu!

Crónica alegre

O CASO DO SILVESTRE

A bem dizer, Silvestre só se convenceu que estava casado no primeiro dia em que pagou a mercearia. Os dois primeiros mezes da lua de mel, mezes que passaram numa velocidade de oitocentos beijos á hora, foram para Silvestre

um engano d'alma ledo e cego

que a licença do patrão não deixou durar mais tempo.

A historia do seu enlace, era facilmente dividida em trez unicos capitulos. Um «se a menina quizesse» um «tenho a honra de pedir a mão da filha de v. ex.ª» e um «sim» apagado e frouxo ante o padre e os convidados. O copo d'agua, a expensas do pae da noiva, tinha sido para o simplorio Silvestre, um calice de amagura. Muito vermelho, com embargos na voz, apagado na sua singeleza de rapaz comedido e timido, só respirou um pouco mais fundo, quando o comboio enfiou pelo tunel a caminho de Cintra, o purgatorio verdejante de todos os casamentos por inclinação.

Dois mezes depois do sagrado nó que, na maior parte dos casos, é gordio que tem diabo, Silvestre dava novamente entrada no escritorio ás 10 horas em ponto, distribuia os bons dias regulamentares, mudava de casaco e sentava-se á secretaria.

Era o que na forma comercial se chama um empregado exemplar.

Os colegas chamavam-lhe o «trouxa» especie de apelido em comprimido que contem muitas materias ha tempo abandonadas pelos novos scientistas da vida social. Silvestre sabia-o mas se era aquele o seu feitio, o seu temperamento, a sua maneira de ser, não se ralava com o caso e antes, sentia viva satisfação quando qualquer dos socios da casa o apontava como exemplar especial de bom comportamento.

E Silvestre na vida intima era como Silvestre na vida publica. Nunca recolhia para casa depois das 10 horas da noite. Ao domingo levava a mulher ao teatro, depois de jantar em casa do sogro, e todos os restantes dias da semana eram eguaes, sem uma infracção ás leis domesticas, sem um desacato á vida socegada do almoço, jantar e chá com torradas, sem o menor rumor anormal na sequencia infinitamente estupida de levantar ás oito e deitar ás onze.

* * *

Ora o Silvestre nunca havia tido uma aventura de amôr. O seu casamento fôra o primeiro e unico desiquilibrio na sua honestidade profissional. E por isso mesmo, quando qualquer dos colegas do escriptorio contava qualquer aventurasita de ocasião, qualquer anedota abregeirada, Silvestre sem deixar o «Razão», não deixava contudo de não perder pitada da conversa e intimamente, no mais profundo da sua alma, sentia não ter tambem qualquer habilidade amorosa para contar, qualquer—«uma vez ia eu»—que lhe desse a certeza de que á sua volta o mundo era um pouco maior do que a atmosfera egual em que vivia.

A's vezes, quando qualquer fregueza subia ao escriptorio e os colegas trocavam entre si sinaes de kabala admirativa, Silvestre á surrelfa, esticava o canto do olho e sonso, rabiscando sempre, sorria-se malicioso, com muita pena de não ter feitio para ser como os outros camaradas.

Um entre todos se salientava nas conversas, um tal Almeida que todas as semanas tinha scena para contar, um que já tivera um escandalo á porta do escritorio com uma espanhola que o tinha vindo procurar, pedindo-lhe o dinheiro para o aluguer do quarto.

D'esse é que intimamente Silvestre tinha uma inveja danada, tão grande que por vezes, quando no talamo conjugal a sua Palmira dormia, ele olhando os florões de estuque do teto, encorporava-se no fisico de Almeida e traçava aventuras no ar, com espanholas, japonezas, circassianas e demais especies de animaes raros.

E o Almeida, ignorando que estava cavando no peito de Silvestre uma fortuna de despeito e inveja, atazanava-o a miude, perguntando-lhe se ele já alguma vez na vida tinha entrado em determinadas intimidades, se já havia visto certas casas de patologia amorosa, se já tinha estudado anatomia feminina no corpo rosado e duro de uma senhora digna de todo o respeito etc., etc., perguntas a que Silvestre respondia com um sorriso de comprazer, mas que lhe ferviam no interior e lhe faziam sangrar cruelmente a sua condição de homem apagado, sem aventura na existencia e principalmente sem coisa alguma para contar.

* * *

N'aquela manhã, deu-se um acontecimento inedito: Silvestre entrou no escritorio ás dez e meia, muito palido, balbuciando uma desculpa ao chefe que perguntou com amisade, se estava doente, e todos os empregados viram que Silvestre não estava nada bem. Empregava muitas vezes a raspadeira, molhava a pena de encarnado no tinteiro azul, deixava cair borrões, e de quando em quando passava a mão pela testa que lhe luzia de suor.

Quando deu a hora de sahida, Silvestre chamou o Almeida de parte e pediu-lhe duas palavras em particular, pela alma de quem lá tinha. E os dois foram para um café proximo, onde Silvestre, com os olhos cheios de lagrimas a voz a tremelicar como campainha de porta, amarelo, cheio de febre, explicou:

Que na tarde anterior tinha ido para casa a ruminar n'aquela coisa que ele, Almeida, tinha contado a respeito da corista do Eden e que tendo entrado a porta tinha visto a sua comadre que lá estava em casa e que andava a varrer o corredor. Perguntou pela mulher que tinha ido a casa do sogro e então, sem sabêr porquê, mas na ancia de ter tambem qualquer coisa na sua vida, tinha deitado os braços á cintura da comadre ferrando-lhe ao mesmo tempo um beijo no pescoço!

—E ela? inquiriu o Almeida.

—Deu um grito, chamou-me «seu grande porco», pregou-me uma vassourada na cabeça, e disse que ia contar tudo ao marido e abalou pela porta, fóra! Pela sua saude, sr. Almeida! Valha-me n'esta aflicção! Olhe que eu já pensei em dar um tiro na cabeça!

—Homem! O caso não é para tanto! Mas você tambem! Logo com a sua comadre!

—Eu sabia lá! Julguei que sendo assim pessoa conhecida!...

—E o marido d'ela o que é?

—E' empregado no Matadouro! Você, que é um [illegible] que sabe d'estas coisas é que me po[illegible] valer... Porque eu, cá por mim, já disse: Dou um tiro na cabeça!—E Silvestre apertava as mãos desesperadamente, sem saber qu voltas dar á vida.

Tomada a direcção do compadre, Almeida prontificou-se a vêr o que se devia fazer, ficando combinado que Silvestre o esperava ali no café.

* * *

Silvestre tinha tomado onze cafés e o Almeida sem aparecer, quando viu que o relogio já marcava as oito e meia. E deitando contas á situação entendeu que o melhor era mergulhar no Tejo, ali pelas alturas da doca de Alcantara. Estava dacidido. Se até ás 9 e

meia o Almeida não aparecesse, meter-se-hia n'um carro e iria á doca acabar com aquela existencia maldita. Mas d'ahi a minutos o Almeida apareceu, e rapido, contou:

—O seu compadre é burro que nem umas casas, mas lá se arranjou tudo! O homem estava disposto a ir hoje a sua casa com uma bengala em cada mão, porque a sua comadre contou-lhe tudo!

—Ai! Nossa Senhora!

—Mas já não vae! Não vae porque eu tenho pratica destas coisas e já arranjei tudo! Disse-lhe que você tinha ido jantar comigo e que lhe tinha bebido demais! Que desculpasse, que não fôra você, que fôra o vinho! Que

CONCLUE NA PAGINA 4

RECURSO

—Isidoro! Traz as minhas peles que hoje a agua está muito fria!

REMEDIO FACIL

—Quero um bilhete [illegible] o espectaculo, mas queria um logar fresco!

o que qu[illegible] [illegible]strumento de sopro!

OS SPORTS NA PROVINCIA

(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES ESPECIAES)

Porto

Box

PORTO.—O combate realisado entre o campeão da Belgica e o campeão de Portugal foi para este o mais dificil que tem sustentado. Humbeck um grande homem, agil e robsuto, mostrou bem quanto vale. Ataca com grande precisão e extraordinaria rapidez. O seu «punch» forte e bem empregado não conseguiu, comtudo, abalar a formidavel resistencia de José Santa. O match foi de principio ao fim de uma grande duresa, tendo Santa conduzido sempre o combate. O 1.º round foi de igualdade, 2.º e 3.º de Santa. 4.º, 5.º e 6.º de Humbeck. 8.º de igualdade. Este talvez de leve superioridade de Humbeck. O 9.º foi nitidamente de Santa que podia ter acabado o combate. Humbeck, groggy, valeu-se da sua grande pratica do ring agarrando-se ao campeão portuguez. Borges de Castro, foi talvez um pouco benevolente para ele. O 10.º round pertenceu ainda que levemente a Santa que ganhou aos pontos. A decisão foi justa e bem recebida.

Antes de este combate Pires Guerreiro poz Ferreira Junior K. O. ao 10.º round, depois de um combate energico e agradavel.—C.

Coimbra

Ciclismo

COIMBRA.—O União Foot-Ball Coimbra Club, organisou no domingo passado mais uma corrida de bicicletes (inter-socios-Junio-res). Volta ao Campo num percurso de 17 km. Nesta prova havia grande entusiasmo para se saber quem seria o vencedor.

A partida dos corredores foi dada á 7,37 em numero de 9 sendo bastante ovacionados pela assistencia: passados 41 minutos e 1 segundo cortou a méta em 1.º logar o sr. José Monteiro da Cunha Junior, que foi bastante aclamado pela multidão; chegando em 2.º logar o sr. Luiz Lucas, em 3.º Antonio dos Santos Borges; 4.º Aurelino dos Santos Lima; 5.º Albano Matos Ala; 6.º Fernão Couto Gomes; 7.º Alberto Abreu da Silva; 8.º Filipe da Conceição, tendo desistido o corredor Luiz Brandão por se ter magoado.

Ao 1.º corredor foi-lhe entregue medalha de prata; ao 2.º, 3.º e 4.º medalhas de cobre.

Tanto o 1.º como o 2.º corredor demonstraram ótimas qualidades e boa preparação para entrarem em provas maiores.

O juri era constituido pelos srs. Julio Ferreira e Manuel Carvalho (velhos corredores) Cipriano Lobo, juiz de partida e José Lobo cronometrista.

Foot-Ball

Tambem se realisou um desafio de Foot-Ball, para disputa do Bronze Antonio Rodrigues (Nito) entre o União Foot-Ball Club e a Liga Sportiva dos Olivais; grupo novo composto por elementos do Sporting Nacional e Moderno Foot-Ball Club, vencendo o União por 5 a 4.

O União alinhou os seguintes jogadores: Carlos Frutuoso, Cabreira, Zéca, José da Silva, Ferreira, Luizito, J. Fresco, Alvares II, Matos, Daniel e Alvares I.

Liga Sportiva dos Olivais: Tomás, Tirana, Alvaro, Cabral, Mizarela, Serrano, Barbosa, Marques, Simões, Julio e Dicção.

VI Porto-Lisboa

O corredor Manuel Alves Pires que é um excelente estradista irá representar o União Foot-Ball Coimbra Club no proximo VI Porto-Lisboa.

O Sport Club Conimbricense mandará tambem ao Porto-Lisboa o seu corredor Anibal Carreto.—C.

Coliseu de Coimbra

Tudo se prepara para que a tourada do proximo domingo, 13 do corrente seja uma das melhores da época.

Abrilhantam a lide, os cavaleiros: Rufino Pedro da Costa e seus filhos Artur, de 15 anos e Henrique de 16 anos.

Bandarilheiros são os srs. Ribeiro Tomé, Jorge Cadete, Mateus Falcão, Carlos Sautos, Angelo Gonzalez (Angelito), Plá Flores e Julio Nunes, de 13 anos.

Teremos o valente grupo de forcados de Vila Franca de Xira, que tem por cabo Manuel Burrico.

Ha 8 bravissimos touros que pertencem á afamada ganaderia da Sociedade Agricola da Golegã.

Por especial deferencia á empresa, toma parte na corrida a aplaudida filarmonica de Verride.

VENDAS NOVAS.—Deslocou-se á importante vila de Viana do Alentejo o 1.º team do Estrela Recreativo Foot-Ball Club, que ali foi efectuar um jogo com o club local.

O jogo teve a caracterisal-o a grande energia empregada pelos dois contendores, que, diga-se de passagem, primaram em efectuar um jogo isento de trucs e violencias.

Do Estrela salientaram-se, Leonel, Cassuna e Esperança (Jacinto) principalmente este ultimo que se nos afigura ser de futuro um grande «player».

Os rapazes vendasnovenses veem penhoradissimos com a recepção de que foram alvo, e, por este intermedio, manifestam aos jogadores e povo de Viana, o seu profundo reconhecimento.—C.

Sines

Mais uma vitória da S. Club Sineense

SINES.—A convite do S. C. S. deslocou-se no passado domingo a esta vila, o 1.º team do Sport Club Grandolense, campeão de Grandola.

Este encontro que teve a caracterisal-o a rapidez e lealdade com que foi disputado, agradou por completo.

Apesar de toda a *aficion* local vaticinar uma derrota ao grupo desta vila, este saiu vencedor por 5 «goals» a 1, «score» que bem traduz a marcha do jogo.

Santa Barbara, o conhecido «foward-centro» do grupo sineense revelou-se mais uma vez um jogador de classe. Imprimiu ás suas jogadas uma rapidez extraordinaria, tendo sido o «fabricante» das primeiras 3 bolas marcadas, o que lhe valeu fartos e merecidos aplausos. A quarta e ultima bola foi marcada por Marques, que esteve bom.

A arbitragem a cargo de Bravo da Costa agradou a Gregos e Troianos.

O grupo visitante ficou bem impressionado com jogadores e publico que se mantiveram numa linha de conduta a toda a prova.

C.

Excursão a Sines

No dia 13 do corrente, sairá de Lisboa uma excursão que vem assistir ás grandiosas festas de Sines.

O vapor «Vitória», da Parceria Lisbonense, conduzirá os excursionistas, que permanecerão em Sines até ás 24 horas do dia 15.

Acompanha a excursão um «onze» do Sport Lisboa e Bemfica, que em Sines jogará com o 1.º «team» do Sport Club Sineense.

Extra programa, realisa o S. C. S. uma importante prova ciclista que está despertando um justificado interesse, visto concorrerem ciclistas dos concelhos visinhos.—C.

AVISO IMPORTANTE

E' nosso agente em Vizeu o sr. Manuel Batista de Sousa.

Aceitamos correspondentes sportivos em todas as terras onde ainda os não tenhamos. Pedimos aos nossos correspondentes a fineza de nos enviarem pequenas fotografias afim de lhes remetermos os respetivos cartões de identidade.

Para os nossos pobres

Transporte	143$50
Cassiano	4$50
A transportar	148$00

O caso do Silvestre

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 3

você era um homem honrado, que não estava habituado...

—E ele?

—Ele ao principio duvidou, disse para lá coisas, que o rachava em varias partes, mas por fim declarou que, uma vez que eu dava a minha palavra d'honra que você estava bebado, não pensava mais no caso!

—Obrigado, Almeida! Devo-lhe a vida! Acredite que nunca mais me meto noutra!

—Emquanto não tiver pratica...

—Não, quero ter! Parece que nasci outra vez! Devo-lhe muito, Almeida! Devo-lhe muito!

—Muito não! Deve dezesseis tostões que gastei no electrico e como já não são horas de ir jantar á pensão...

—Aqui tem trinta mil reis! E mais uma vez muito obrigado!—E Silvestre foi para casa.

Henrique Roldão

CONSTANTE (Lisboa — A verdade é que cada doente é um caso.

O mal de muitos doentes reside em escravisarem-se a um tratamento, não procedendo de acordo com a sua propria natureza.

Cada um deve estudar a sua resistencia, as indiosinerasias do seu organismo,

O drastico que V. Ex.a tomou estava a calhar num homem robusto. V. Ex.a só pode fazer uso de laxantes suaves. Quando seja necessario, periodicamente, faça uso do «Laxatol».

SALVINIO SILVA (Lisboa) — 1.º — Pelas razões que acima exponho, não o aconselho a mudar de medico. O seu facultativo pode não ser uma notabilidade mas ha vinte anos que acompanha os seus achaques. Tem obrigação de conhecer bem o seu organismo, os seus pontos fracos, a sua irritabilidade. Comtudo, pergunte-lhe se deve tomar o «Fermento Seleccionado de Uvas Formosinho». Para os seus diabetes, não vejo remedio mais eficaz nem mais inocente. Mas, pergunte-lhe sempre...

2.º — As analises de urinas são sempre convenientes para se poder avaliar com segurança o estado do doente.

BALSA MIRIS (Lisboa) — Os saes de fructos de Eno são realmente muito bons. Mas são muito caros. Tão bons como esses mas muito mais em conta, (não é reclame ao farmaceutico) tem V. Ex.a os que se manipulam na Farmacia Formosinho e que encontrará em qualquer parte á venda sob o nome de «Saes de fructos Formosinho».

LAVINIA MIREJA (Porto) — Não são sómente os tuberculosos e as pessoas fracas que precisam de tomar remineralisadores, recalcificantes.

Todas as creanças necessitam, pelo crescimento que se vae operando, de grande quantidade saes mineraes.

Indico-lhe a formula explendida, «Nucleocalcina», que a meu vêr se avantaja á da conhecida «Tricalcine».

LUISA MILLER (Porto) — Tambem a filha de V. Ex.a, pela mesma razão, necessita tomar a «Nucleocalcina» por um longo periodo de tempo.

O canto só lhe pode ser conveniente. Cantar sempre foi um explendido exercicio respiratorio. Tende a desenvolver os musculos aspiradores, aumenta a capacidade respiratoria. E' a melhor ginastica, quando praticada com metodo e com um verdadeiro professor, para as pessoas que, tendo boa voz, são entretanto fracas de pulmões.

MASCARA NEGRA (Lisboa) — Pode ser que a cerveja faça engordar mas estraga o figado, o estomago, e, muitas vezes, a cabeça. Beba agua, meu amigo, agua pura. Tome uma série de injecções de «Dinamagenol» e alimente-se bem.

RICARDINO (Lisboa) — V. Ex.a evitará a formação dos calculos se começar quanto antes a fazer uso do «Urol». E' o mais poderoso dissolvente de acido urico. As suas dôres reumaticas desaparecem.

Observe as instruções que veem no prospecto.

JACQUES D'ALPEDRINHA (Santarem — 1.º — Faça uso do «Mento-Rhinol» que é um soberbo antipseptico nosal.

2.º — Habitue-se a fechar a boca quando se deite, para respirar sempre pelo nariz. Vê como lhe é facil.

3.º — A «Nutricina» é um medicamento alimento que nenhum mal lhe faz, antes pelo contrario. Já o repeti neste consultorio.

E' um pouco de carne crua com glicerofosfato em solução glicerinada e é escrupulosamente manipulada.

DR. XISTO SEVERO

P. S. A administração agradece qualquer quantia enviada para os pobres deste jornal.

Cinemas, teatros e circos

A' sucapa...

As dôres de estomago de Bento Mantua

O glorioso dramaturgo da «Má Sina» foi convidado para assumir a gerencia do Nacional. Mandaram-lhe um telegrama para responder na volta do correio, quando o eminente homem de teatro se encontrava tranquilamente em cura numas termas distantes.

Respondeu que não — e respondeu muito bem.

Não se podia prestar a representar uma baixa farça — o homem que só tem escrito teatro violento e alto. E, no entanto, Bento Mantua não é nem um comodista nem um desiludido. Mas é uma pessoa que não corre a foguetes nem aspira apenas a exibir a roseta de S. Tiago. Tem um plano de bom senso e de orientação que executaria no Nacional — se as nossas altas esferas dirigentes tivessem aquele criterio preciso para pôr no são o que está, desde os alicerces, pôdre e decrepito.

Temos esperança de que um dia chegará em que todos se convençam de que não é com paliativos mórnos que a questão do Teatro Nacional se define e se orienta no sentido de prestigiar a nossa arte scenica — como é absolutamente mister.

Nessa altura deve felizmente Bento Mantua estar um pouco melhor do estômago... a «rasão de saude» que foi a unica que chegou á secretaria do ministro das Belas Artes.

Picareta e chuchadeira

A nossa pagina teatral tem provocado largos comentarios.

Desde que chamámos para perto de nós o «Tremidinho», simbolo e expressão de todo o nosso teatro — logo houve quem dissesse que afrontáramos a vasta e magra classe teatral.

Bem ao contrario a afronta que diariamente se faz aos pobres trabalhadores do nosso teatro é deixa-los asfixiados pela parasitagem dos palcos que teem conseguido, com o congestionamento do pequeno quadro possivel e permanente dos nossos artistas dramaticos, a linda situação que se creou a dezenas de actores e actrizes com valor e com passado, que não têm colocação — e são esses, os que nada fazem, que mais nos temem.

Dos proprios actores verdadeiros, manda a verdade dizer-se que poucos são os que merecem o nosso respeito — pelo respeito com que eles proprios se tratam publicamente a si e á Arte.

Ahi vão dois nomes de figuras não salientes do Teatro e que, pela sua vontade, brio profissional e cultura, merecem o nosso respeito: o actor Carlos de Abreu e o actor Climaco.

O primeiro é viajado e culto. O segundo aparece sempre, a procurar aprender e a estudar, sem risos nem troças inconscientes e idiotas, antes esforçando-se por, nas inovações que de fóra chegam, compreender e evoluir.

Picareta e chuchadeira — são precisos e muito. Se ainda está quasi tudo por arrazar!

o momento teatral

LUIZ PINTO

NOVO GERENTE DO TEATRO NACIONAL

O que me diria se o fosse entrevistar

Teatro Politeama, durante a representação do «Leão da Estrela», Luiz Pinto puxa-me a um canto.

— Reformas radicaes! Nova orientação, novos processos.

— O quadro dos societarios?

— Vou alargal-o para caber a Emilia Fernandes!

-- Peças?

— Todos os originais portugueses que não ofereçam garantia e uma comédia do Afonso Gaio com musica minha! Você nunca ouviu a Sensitiva?»

— Não! E' um drama?

— Não senhor, é uma valsa! Mas tambem pode ser um fado! E' minha

— Toda?!

— Completamente! Tenciono tambem dar uns concertos no Nacional!

— Acho bem! As paredes estão uma vergonha!

— Não são concertos de limpar, são concertos de ouvir! Concertos de piano! Você nunca me ouviu tocar piano? Ah! E' qualquer coisa de extraordinario!

— Julguei o contrario! Tenciona montar peças historicas?

— Sem duvida! Quero vêr se ponho o Rafael Marques a fazer uma tragédia da Dona Fernanda de Castro intitulada «A Edade do Ferro», e a Ilda deve interpretar outra cujo titulo é «Macedo de Cavaleiros».

— E do chamado reportório de fundo?

— Ah! Isso será formado por todas as peças que vão á scena! Tenciono mandal-as todas para o fundo!

-- Tem alguns auctores falados?

— Tenho. O Vitoriano Braga já está a fazer outra «Casaca», o Augusto de Lacerda está acabando o terceiro acto da sua nova peça «O confeiteiro da Patriarchal», etc., etc. Tenciono tambem fazer muitas conferencias!

— Literarias?

— Não, conferencias com o Ministro da Instrução! E hoje de manhã tive uma ideia pasmosa!

— Qual?

— Mudar o relogio que está na varanda para o palco, afim dos societarios irem a horas para os ensaios!

— E o dinheiro para a exploração da época?

— Isso não ha! Mas os meus colegas que precisarem de dinheiro. podem ir metendo vales!

— A quem?!

— A quem quizerem!

— Mas para pagar aos contratados?

— Para esses tenho um «truc»: Não pago!

— Mas isso não pode ser!

— Ora essa!? O Pina fez o mesmo e ninguem lhe disse nada!...

— E o meu amigo, artisticamente que tenciona fazer?

— Todas as manhãs, ginastica...

— E á noite?

— A' noite alguns papeis, entre eles o «Manelick».

— E está contente com os seus colegas?

— Contentissimo! E eles comigo! Até já me chamam o «Manelick de Arroios»!

Luiz Pinto entrou para a scena e eu sahi para a rua.

TREMIDINHO

A' sucapa.

Teatro de «Canastrões»

Ha quem diga (intrigas!) que a crise dos desempregados de teatro é motivada pela grande abundancia de comediantes sem geito e algures já se escreveu que, apesar do numero dos sem contratado subir já a trezentos, não ha forma de se constituir uma companhia com geito.

A ultima afirmação deve ser mentira porque se fosse verdade tinha piada mas, dando de barato que por casualidade seja assim. não seria mau experimentar-se na arte teatral um processo que na pintura e na escultura deu em cheio.

Instituir-se o Salão dos Recusados que, entre nós se poderia chamar: «O Teatro dos Canastrões».

Assim, acudir-se-hia facilmente á crise, todos poderiam empregar-se e, dado o titulo do teatro, promover espectaculos que seriam uma espécie de corrida de toiros em Algés.

O peor é que é tão dificil arranjar um «canastrão» em Lisboa como descobrir um actor com talento.

"Tremidinho" na A. C. T. T.

No proximo numero publicaremos um extraordinario artigo doutrinario do nosso distinto colaborador «Tremidinho».

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão querida do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora divette em numeros novos e sempre repetidos.

S. Carlos — Fechado temporariamente.

S. Luiz — Fechado temporariamente.

Salão Foz — As maiores atrações de Music-Hall.

Avenida — Brevemente Maria Matos-Mendonça de Carvalho.

Politeama — Enchentes com o «Leão da Estrela» da Parceria, com Chaby.

Eden — Em scena: «Frei Tomaz», revista.

Nacional — Fechado temporariamente.

Apolo — Conde de Monte com Ilda Stichini e Rafael Marques.

Anno I—Numero 35
O DOMINGO ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

Um antigo e ilustre colaborador desornal, V. S. enviou-nos ha já tempo esta pagina.

Encerra ela um drama pungentissimo que toda a Lisboa conhece. Não queremos entrar na parte da coscovilhice intima que possa haver em toda essa dolorosa pagina de amor, coscovilhice com que já demais se explorou. Basta-nos a emoção e a beleza teatral e sentimental do incidente—e isso deve bastar tambem ao publico. Substituimos os nomes das personagens pelas suas iniciaes e conservamos com fidelidade exata o texto.

Doida de amor

Sensacional pagina primorosamente escrita onde passam personagens por demais conhecidas da vida de Lisboa, e onde se revive o maior caso sentimental e amoroso dos ultimos tempos.

HA o direito de ocupar o lugar do «Domingo» habitualmente recheado de ironias e de fantasias amaveis com as linhas que vou escrever?

Não sei. O que sinto e que todos nós que temos uma pena devemos fazer ás vezes concessões ao nosso coração e á nossa ternura, e deixa-las seguir sobre o papel branco sem mais preocupações do que a de murmurar, como na penumbra das egrejas, confissões livres.

* * *

Recebi hontem, por um moço da quinta que faz tambem serviços de recovagem entre Ermezinde e as povoações proximas, esta carta:

Meu caro e velho amigo:

«Soube ocasionalmente que se encontra hospedado em casa dos M. Mando-lhe estas palavras com uma grande esperança que lhe sejam entregues breve.

Não calcula quem lhe escreve, com certeza.—que tudo tenho mudado, dizem, até o talhe da letra.

E, no entretanto dirijo-lhe estas palavras confiadamente. O V. foi das poucas pessoas que não acompanhou o sr. A. da C. Sei mesmo da sua conversa do Porto, que me trouxe naquele momento um enorme conforto moral.

Eu vou vivendo triste, como é sina minha.

O M. está como sabe ha bastante tempo longe. Não o vejo ha dois anos certos! No entanto escreve regularmente a mim ou á mãe, e, aqui em casa todos vivemos ainda cheios de recordações desse tempo de lutas e de sensações fortes, desde a fuga de Lisboa á fuga definitiva.

Sabe de que me sustento?

Coso roupa para fóra—eu, que o meu amigo conheceu recostada nesses «maples» sumptuosos da casa de S. V.

Das minhas minhas mãos têm saido muitos desses corpetes vistosos que vê sobre o dorso das raparigas, nos dias de mercado. E sou modista afamada, o que é que julga?— uma Gandon d'estas varzeas--donde se prova que os meus dedos se adotaram facilmente a este novo mister.

Apesar disso porém a vida é rude e cara, e mal ganhamos para a comida. De tudo me tenho sabido privar, menos da minha roupa branca e da minha higiene—unico luxo que me acompanhará á cova.

E' este um dos motivos que me levam a escrever-lhe. Sei que a sua S. casa esta semana. Peço-lhe que lhe dê os ardentes votos que faço pela sua felicidade, e peço-lhe tambem que lhe diga que se tem alguma roupa de solteira, e que abandone mesmo usada, que m'a mande —pois eu propria a adaptarei. Ficar-lhe-ia infinitamente grata.

Com respeito ao meu querido e velho amigo V. S., na impossibilidade de lhe oferecer um dos antigos chás ricos do lugubre casarão de S. V., posso apenas dizer-lhe que temos uma figueira de ricos figos moscatelos e que terá uma alva toalha para os comer nesta sua humilde choupana—e nunca este logar comum foi tão bem apropriado!

Confiada em si, creia-me a sua pobre e velha amiga

M. A. C.

* * *

Recebi esta carta antes do almoço e todo o dia, depois de ter escripto a Suzana pedindo-lhe roupas para a Dona M. A. não pude deixar de recordar esse rande drama que fez vibrar tanto coração femenino e fez reflectir tanto cerebro forte.

A situação é ainda hoje complexa e melindrosa. Segundo os partidarios da loucura de M. A., o chauffeur M. teria agora desaparecido da intimidade sentimental dessa senhora, apenas por ter visto perdidas as probabilidades dela reaver a parte da fabulosa fortuna dos C. que a ela devia caber ao verificar-se o divorcio que o seu advogado insistentemente requereu.

Coso roupa para fóra. E sou modista afamada—o que é que julga?

Nesse abandono do lar de adulterio veem justamente os partidarios do marido um simptoma flagrante da má fé e da falta de sinceridade e de escrupulos do amante de Dona M. A.

Por outro lado M., explica da forma que vão ver, a sua atitude—e eu sei a quem ele, num passeio na Foz, uma tarde do mez passado, fez, entre lagrimas que não podiam ser fingidas, uma longa confissão de todo o drama de M. A.

As suas relações com a patroa começaram assim.

Dona M. A. era uma senhora neurastenica e nervosa em extremo e passava semanas isolada no quarto.

Num outono em que houve dias lindos começou pedindo o automovel aberto, para as 6 horas, e ia sempre para o Campo Grande onde se conservava quasi até ao sol posto, regressando a casa e quasi nunca saindo mais do quarto. Uma vez, no Campo Grande, quando o carro estava parado e as aleas desertas, dirigiu-se ao M. e disse-lhe:

—Tu afinal não casaste com aquela rapariga filha do adelo das Escolas Gerais...

—Não chegava o dinheiro, minha senhora...

E começaram palestrando sobre a vida intima do M. Noutra tarde a senhora começou a dizer que vivia muito só, e que o Sr. Dr. a abandonava por «essas raparigas dos clubs que se prestavam aos seus caprichos».

Então o M. começou interessando-se sinceramente pela sorte de Dona M. A. —até que um dia, quando as tardes eram já mais pequenas, na volta do sseio habitual a beijou, com respeito, numa mão.

Depois, foi a vertigem e ambos fugiram.

Hoje o M. diz: Deixei Dona M. A. e comprometo-me a fugir-lhe inteiramente, porque essa senhora não pode viver sem o conforto que sempre teve e que eu lhe não posso dar.

Traze-la para mim era sacrifica-la a uma vida de miseria e eu não tenho esse direito, embora ela o queira. Não fugi com ela pelo dinheiro que ela pudesse vir a ter e que lhe pertence. Gostava e gosto dela, embora perceba que não é para mim uma senhora dessa educação.

O marido porem, apezar de riquissimo nega-lhe tudo desde que eu esteja junto dela e por isso, por amor dela, me afasto, não querendo, como nunca quiz, nada.

Por seu lado Dona M. A. diz:

Quero viver nesta casa humilde e pobre, onde vive sua mãe, e que abergou o mais forte e puro amôr que senti.

Eu que tudo dei por ele, não me separarei jamais da sua vida—e respeito-lhe as vontades como me cumpre. O M. é uma alma cheia de sensibilidade e de escrupulos, e apesar de inculto não é rude.

Separou-se de nós com o mais abnegado espirito de sacrificio e de renuncia. A mim cumpre-me ser fiel e se-lo-hei até á morte. Hoje sou até de alguma forma o amparo da mãe. O M. ha de voltar, quando se convencer que o mundo é demasiado pequeno para lhe sacrificarmos um tão grande amor.

* * *

Com dez atestados de palavras complicadas com que a peso de oiro os medicos celebres atestaram esta morbida paixão de Dona M. A.—e com estes depoimentos tão profundamente humanos a atestarem em palavras simples tão complexos sentimentos—que fazer?

Doida?

Lúcida?

Ah! minha pobre e velha amiga, o que é o amor senão a maior e a mais irresistivel loucura da humanidade!

V. S.

UMA NOVELA HUMORISTICA COMPLETA

O HOMEM QUE SE FARTOU DE SER HONRADO

Pagina humoristica onde, atravez um traço caricatural passa a filosofica verdade de todas as farças . . .

ACTO I

A scena representa o interior de uma habitação de funcionario publico. Ambiente de atmosfera carregada de fome, indigencia, miseria e outros acessorios concernentes. Ao meio da scena, junto de uma hipotese de jantar, a familia Mendes, simula comer.

«A esposa» *(ao filho)*—Isso! Come a batata toda de uma vez, e depois queixa-te de que ficaste com fome! Não sabes espacejar as dentadas com dois pucaros de agua?

«A filha»—O' papá, porque é que o azeite tem um gosto a lixo?

«Mendes»—Minha filha, porque o comprei em decima mão a um carroceiro que já não o usava para bezuntar o eixo da carroça!

«O filho»—Foi lá hoje ao meu escritorio um homem que me prometeu um colete que já não usa!

«A esposa» - Oh! filho! Isso é uma prenda que nem tem preço! Vê se ele te dá o colete para eu fazer dele um sobretudo para o teu pae!

«Mendes»—Era boa ideia, era! As calças que trago, já estão tão usadas que qualquer dia, caem-me as pernas e fico só com os fundilhos agarrados ao corpo!

«A filha»—Que miseria! Ao que nós chegamos!

«A esposa» —Emquanto todas as raparigas da visinhança andam de bôas meias de seda...

«A filha»—Eu tenho de pintar as pernas com tinta de escrever para fingir que não ando descalça!

«O filho»—E eu?! Ando sempre nos bicos dos pés para gastar o minimo calçado possivel e no emtanto, os filhos do visinho ali de fronte, andam de automovel!

«Mendes»—Pois sim, mas ninguem tem nada a dizer-nos! Somos pobres mas somos honrados! E a honra, meus filhos, é a maior cruz de Santiago que alguem pode ostentar nesta grande reunião que se chama sociedade!

«A esposa»—E que ha a respeito de ordenado?

«Mendes»—Parece que o ministro vae augmentar mais dezoito tostões por mez!

«A filha»—Isto é, não ha esperanças de deixarmos de jantar assorda sem pão todos os dias em que comemos alguma coisa!

«O filho»—E' fatal que tenho de continuar a fazer a barba com um cáco de garrafa, por não ter dinheiro para a fazer de outra maneira!

«A esposa»—Só nos resta um recurso! Alugar um quarto!

«Mendes»—Um quarto?! Qual! Nós só temos esta unica divisão!

«A esposa»—Lembrei-me de alugar metade da nossa cama!

«O filho»—Como?

«A esposa»—Com meia duzia de jornaes faz-se uma divisão ao meio; nós ficamos todos do lado da parede e anuncia-se uma parte de cama para casal,—respeitavel é claro!

«Mendes»—E com isso não periga a nossa honra? Vejam bem que eu se quizesse ser rico, ou pelo menos não passar privações, já tinha consentido em muitas coisas, mas a honra para mim é a superior qualidade! Tudo menos deixar de ser honrado!

«A filha»—Eu não vejo inconveniente na ideia da mamã.

«Mendes»—Então aluguemos a parte de cama. E meus filhos, não esqueçam nunca que a honra é a maior das virtudes!

(Cae o pano. Fim do 1.º acto)

ACTO II

A scena representa o interior de uma repartição dum ministerio. Varias carteiras. Algumas vazias, outras... com papeis dentro. Um continuo a um canto lancha com o auxilio duma navalha de ponta e mola, uma casca de queijo e um papel daqueles que servem para embrulhar os pães «Aliança».

«Continuo» *(cheirando o papel)*—O pão que aqui esteve dentro devia, ser duro como burro!

«Eleuterio» *(entrando)*—O' seu Evaristo, Já veiu o chefe?

«Continuo»—Não, senhor!

«Eleuterio» *(tirando as calças)*—Então vá levar estas calças a casa do Simões, para ele poder vir para a repartição! *(Continuo sae levando as calças).*

«Rodrigues» *(entrando com um grande charuto)* — Ora bom dia! Adeus ó Eleuterio! Estive hontem no *Monumental* com uma hespanhola que parecia a praça de touros de Barcelona! E vou pedir licença ao chefe para uma trenzada até Cascaes!

«Eleuterio»—E fazes isso com o ordenado que aqui ganhas?

«Rodrigues» — Quê? O ordenado é para comprar fosforos, e não chega! Estava arranjado! Então tu não sabes que eu tenho uma loja? E' claro que não é nenhuma riqueza mas sempre tiro uns dez contos por dia para extravagancias!

«Simões» *(entrando)*—Ora bom dia! *(Tira as calças)* O' seu Evaristo, vá levar estas calças a casa do Magalhães para ele poder vir para a repartição!

«Eleuterio»—Olhe! O' seu Evaristo, empreste cá o papel de embrulhar o pão que eu não almocei e preciso de lanchar! *(Evaristo sae depois de dar o papel).*

«Simões» *(a Eleuterio)* — Que trouxeste hoje para o lanche?

«Eleuterio» — Achei um *menú* d'um *restaurant!*

«Todos»—Oh!

«Eleuterio» — De maneira que vou tirar o ventre de miserias! Hoje vou comer do bom e do melhor! Ora, a abrir vão uns filetes de linguado com molho de marisco! *(Vae lendo o menú e cheirando o papel de embrulhar o pão Aliança» deixando vêr na expressão um inefavel bem estar).*

«Magalhães» *(entrando)*—Já cá estão todos?

«Rodrigues»—Falta a besta do Mendes!

«Magalhães» *(entrando e tirando as calças)*—O' seu Evaristo! Vá levar estas calças a casa do Mendes para ele poder vir para a repartição! *(Evaristo sae levando as calças).*

«Rodrigues» — Rapazes! Está aqui uma ordem do gabinete: O ministro diz que quem não estiver á hora é posto na rua.

«Magalhães»—Eu não posso vir mais cedo. Tenho de ir pedir esmola para a porta do Loreto.

«Eleuterio» — Eu tambem não! Para cá estar á hora não posso ir ver se encontro algum bocado de comida velha nos caixotes do lixo!

«Mendes» *(entrando)*—Ora bom dia.

«Todos»—Bom dia, Mendes.

«Mendes»—Calculem vocês que um patife apanhou-me agora no meio da rua e queria á viva força que eu deixasse de ser honrado!

«Magalhães» —Como?

«Mendes» — Calculem, alcunhou-me de burro por eu ter chamado uma senhora que tinha deixado caír a malinha!

«Rodrigues» — Francamente, isso é de *trouxa!*

«Mendes»—Ora essa? Então não era meu dever avisar? Não tinha obrigação de evitar que aquela senhora passasse um desgosto? Se calhar a malinha tinha dinheiro...

«Rodrigues»—Pois por isso mesmo! Eu lá na loja, quando alguem se esquece de alguma coisa em cima do balcão, guardo-a logo na gaveta e nem o Cunha Leal m'a arranca de lá!

«Mendes»—Mas eu sou um homem honrado!

«Rodrigues» *(tirando uma fumaça do charuto)* — Has-de ganhar muito com isso!

«Mendes» — Ganho a minha honra!

«Rodrigues»— Ora, deita-a ao gato que nem ele mesmo lhe péga!

«Mendes» *(furioso)*—Não pega? Pois fique sabendo que a honra é a maior virtude que o homem...

«Evaristo» *(entrando)* — Está lá fóra uma senhora que deseja um informação.

«Rodrigues»—Mande entrar.

«Magalhães» — Qual mande entrar! Você não vê que estamos todos em cuecas!

«Eleuterio» — E as calças não são para para estar na repartição, são para entrar e sair!

«Evaristo»—Então como ha-de ser?

«Rodrigues» — O Mendes que vista a honra e que vá atender essa senhora!

«Mendes»—Você não faça pouco...

«Rodrigues» — Bem, vou eu... Afinal todos vocês são muito honrados mas só eu é que não estou em cuécas!

Fim do 2.º acto

ACTO III

A mesma scena do primeiro acto com fortes modificações para peor. A esposa, a filha e o filho, estão pendurados no candieiro de suspensão porque o resto

CONCLUSÃO NA PAGINA 9

HORIZONTALMENTE

1—alimento cahido do ceu 2—pau 3—fusos 4—tecido grosso 5—animal feroz 6—amfibio 7—abreviatura de pesames 8—2 vogaes 9—que anda a pé 10—milagroso 11—na bota 12—concede 13—solitario 14—apelido 15—elevado 16—fructo 17—barbaridades 18—bando (ant.) 19—barco.

VERTICALMENTE

1—numero 20—unica 15—combinação do carbone e do ferro 16—quatro letras de «delirios» 21—romance de Zola 22—peixe 23—trez letras de casa 9—utensilios domesticos 24—trez vogaes 7—eneluctos 25—«Paulo» em italiano 2—ponto onde se atravessa um rio 26—interjeição 16—parente 27—junto á ig-eja 14—tecido 28—flôr 29—letras de «terá» 30—ensejo 31—solitarias.

Decifrações do numero anterior

HORIZONTALMENTE

1—jazer 2—pudim 3—eóo 4—oásis 5—uno 6—tormentar 7—úvea 8—rami 9—mi 10—nhu 11—Tom 12—um 13—preeleições 14—léo 15—iça 16—repartição 17—ai 18—elo 19—she 20—si 21—doar 22—neon 23—cilindros 24—geo 25—iodai 26—ceu 27—euros 28—ruolz.

VERTICALMENTE

1—jejum 2—pst! 17—Adige 29—ao 30—zote 31—rôr 32—use 33—dura 34—in 35—motim 36—ambulatório 37—inutilisada 38—Oane 39—armo 40—vispério 41—muscoso 42—he 43—oc 44—roe 45—eia! 46—peri 47—al 48—ah! 49—céno 50—induz 51—açor 52—ésco 53—Lis 54—N. D. O. (abrev. de nihil diu occultum). 55—rir 56—eu 57—e

Solução do problema n.º 33

	Brancas	Pretas
1	20-31	29-25 (a)
2	31-22	25-18
3	2-11	4-15
4	1-19 Ganha	

(a)

	Brancas	Pretas
1		4-8
2	1-5	8-4
3	2-16	4-8
4	5-14	8-4
5	31-13	4-8
6	16-12	8-11 (b)
7	12-26	29-25
8	26-22 Ganha	

(b)

	Brancas	Pretas
6		8-4
7	12-16	4-8
8	16-26	29-25 (c)
9	26-12	8-4
10	14-18 Ganha	

(c)

	Brancas	Pretas
8		8-4
9	13-22	4-25
10	14-21	25-30
11	26-12	29-25
12	21-17 Ganha	

PROBLEMA N.º 34

Pretas 3 p.

Brancas 1 D. 1 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 32 os srs.: Artur Santos, José Brandão, Jesé Magno, Sarapico, Sargentos do 2.º B. A. C., Um Chiquinho(Bragança), Um principiante (Carvalhos), e um oficial.

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo-Ilustrado», *secção do Jogo ar' Damas*. Dirige 8 cção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 34

Por Z. Mach (1.º premio 1902)

Pretas (10)

Brancas (7)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 32

1 B 6 B D.—Duas casas de fuga. Intercepção da Torre preta. Dois mates puros, dois economicos e dois espelhos.

(CONTINUAÇÃO)

Dois cheques ou dois mates são concorrentes ou similares quando o Rei preto está sobre a mesma casa.

Quando um cavajo branco dá cheque e ataca as duas mesmas casas no terreno do Rei adverso.

Quando uma Dama, uma Torre ou um Bispo dá cheque e ataca as mesmas casas do terreno do Rei preto na mesma direcção.

Quando uma peça preta ocupa casa do terreno do Rei preto esta casa diz-se obstruida ou interceptada.

Quando uma peça branca ataca uma casa do terreno do Rei preto a casa diz-se guardada.

Na posição de mate se qualquer casa do terreno do Rei preto está obstruida e guardada ou guardada por duas peças brancas o mate é imparo Mate economico—quando nele participam essencialmente todas as forças das Brancas com abstração facultativa do Rei e dos Piões.

Quando o Rei e os Piões brancos concorrem tambem para o mate este chama-se mate economico perfeito (absoluut economisch).

Um mate modelo ou pintura é ou mésmo tempo puro e economico,

Como já dissemos, mate espelho quando o Rei preto é o unico que ocupa o seu terreno. Terreno do Rei—A casa que ocupa e as casas adjacentes.

Chave—o primeiro lance que resolve o problema.

Qualquer movimento que o Rei preto póde fazer chama-se—fuga—e as casas para as quais se póde mover no seu terreno chamam-se casas de fuga.

SECÇÃO A CARGO DE ***REI.FERA***

COMO SE FAZEM CHARADAS

Toda a gente pode aprender com as nossas pequenas explicações a resolver UMA CHARADA,

CHARADA SINCOPADA

Arranja-se uma frase onde se dão dois conceitos: o 1.º que se refere a uma palavra inteira que não tenha mais de tres silabas; o 2.º que se refere a uma palavra que é formada pela 1.ª e ultima silabas.

EXEMPLO:

3—E' um FAMOSO escritor, apesar de NOVO—2

1.º conceito—FAMOSO—NOTAVEL
2.º » —NOVO—NOVEL

Os algarismos indicam: O 1.º que está colocado no principio da frase o numero de silabas do 1.º conceito; o 2.º que está colocado no fim da frase, o numero de silábas do 2.º conceito.

CHARADAS AUMEETATIVAS

Arranja-se uma palavra que, posta no aumentativo, tenha uma significação diferente.

EXEMPLO: Bala—Balão.

Seguidamente, forma-se o frascado, intercalando-lhe, por meio de sinonimos, as palavras dadas para a formação da charada.

EXEMPLO:

Um PROJETIL tem uma velocidade superior á dumA E-ROSTATO—2

1.º conceito—Projetil-Bala
2.º » —Aerostato-Balão

O algarismo colocado no fim da frase indica o numero de silabas dos conceitos, que, geralmente, é sempre egual. No proximo numero tratarei d'outras charadas.

REI-FFRA

QUADRO DE DISTINÇÃO

ARIEDAM—23 Decifrações
LOPES COELHO—23 »
ERRECÉ—15 Decifrações

DECIFRADORES DO N.º 32.

DECIFRAÇÕES DO NUMERO PASSADO:

Charadas em verso: Amente, Acephalopodia, Aveche.
Charadas em frase: Semanario, Cristovão, Calamocada, Nonana, Sumamente, Zelar, Zimborio.
Sincopadas: Vacante-vate vaporar-varar.
Proverbio advinhar: Amor com amor se paga.
Frases e ruas: Rua Ferreira Chaves.
Tipograficos: Inutilmente,—O milagre de Fatima é um conto do vigario.

CHARADAS EM VERSO

Ao meu primo Zé Maria,
Preguntei por brincadeira
De que mulher gostaria—1
Para sua companheira.

Seja Rosa ou seja Rita,—1
Pode vir a que quizer
Desde que seja bonita.
Uma ou outra hei-de escolher.

PORTO — ERRECÊ

CHARADAS EM FRASE

No *jogo* aparece sempre um parceiro com *maneiras* de nos *enganar*.—2—2.

PORTO — REI DO ORCO (G. E. L.)

Um *habito funebre* não fica bem ao *lado* de um *salteador*—2-1.

Porque motivo deseja *tambem* cair?—1-1.

RGUADA — HICCO-ZONHI

O *boi* esta-se a *rir* ou a *respirar?*—1—

DÁ LICENÇA

SINCOPADAS

3—Para se fazer uma *advertencia*, é necessario procurar a *acasião*—2

3—Temos ao *romper da madrugada*, uma bela *brisa*—2

MARIO BELO

3—Na *frontaria* do predio apareceu uma *feiticeira*—

3—Seu *brejeiro*! não mal t. *nimal*—2

SATURNO

3—Que tristeza! metido numa *prisão* em dia de *festa!!!*—2

-INOCA

ELECTRICA

Não é por me roubar um *peixe* que você me *prejudica*—2.

REI-VAX

TIPOGRAFICOS

V MEN II

JUVENAL BENADES

ESPOSO COLHER ESPOSA

DR. SABÃO

ENIGMA

Vivo na terra e no mar,
vivo em todo o universo,
e quem fôr a Armamar,
por lá m'encontra disperso.

Fazendo parte da guerra,
vjvo no meio da morte,
habitei sempre na serra
e até no Polo Norte.

Sou tão forte, tão potente,
que a Russia de mim precisa,
a rio sou pertencente,
vive comigo Artkemisa.

Existe em Roma o conceito
que bem facil d'encontrar,
procurem bem, a preceito,
estou no fim é decifrar...

BERLOCAR

—

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a correspoupencia relativa a esta Secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação.

Publicamos toda a qualidade de produções charadisticas, que nos forem enviadas, desde que obedeçam ás regras já sobejamente conhecidas dos srs. charadistas.

E' conferido o QUADRO DE HONRA a quem nos envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saida dos respectivos numeros.

Os originaes, embora não publicados, não se restituem.

Ao director desta Secção assiste o direito de não publicar originaes que julgue imperfeitos ou estejam fóra das regras.

—

CORREIO DO MOINHO

ARIEDAM, LOPES COELHO:—Sejam bemvinbos.

REI-FERA

O homem que se fartou de ser honrado

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

da casa já está alugado a fim de se poder fazer face á carestia da vida e á limitação dos ordenados.

«A esposa» (*ao filho*)—Vê lá se daí vês as horas que são no relogio do nosso hospede do guarda-louça.

«O filho»—São dez e meia.

«A filha»—Que será feito do papá?

«A esposa» — Estou cheia de cuidado! Demais a mais ele disse que lhe tinham dado meia lata de sardinhas!

«O filho»—E' capaz de a ter cheirado e estoirou com alguma congestão.

«A esposa» — Valha-nos Deus! Ha tanto tempo que não comemos nada...

«A filha»—O papá diz que quem não tem dinheiro não tem vicios.

«O filho»—Ainda me lembro da ultima vez que comi...

«A esposa»—Que saudade...

«O filho» — Lembra-se? Foi aquela azeitona que achei na escada...

«A filha» — Cala-te que já tenho a boca cheia d'agua...

«A esposa»—Mas porque será que o vosso pae se demora tanto?

«O filho»—Talvez esteja a comer as sardinhas...

«A esposa» — Cala-te! Teu pae é um homem honrado! E' incapaz de não repartir comnosco! Meu filho, átravez de tudo, podes ter um grande orgulho: Teu pae é um homem honrado...

«Mendes» (*entrando e dando um pulo para o candieiro*) — Depressa... Escondam-me! Escondam-me!

«Todos» (*surprezos e aflictos*)—Que foi?

«Mendes» — Uma desgraça... Uma grande desgraça... Deixei de ser honrado!

«Todos»—Oh!

«Mendes» — Mas foi por vocês... A minha honra morreu em holocausto á vossa miseria!

«A esposa» — Mas que se passou?

«Mendes» (*a medo*)—Roubei...

«Todos»—Oh!

«Mendes» — Roubei um chouriço duma mercearia...

«Todos»—Oh!

«Mendes»—Adeus honra! Adeus rectidão de caracter... (*Chora convulsivamente*).

«Todos» — Adeus... (*Choram com a mesma aparencia*).

Pausa—No ambiente paira uma maldição de desgraça. Ha. na mudez do candieiro, um anatema terrivel que torna a scena catacumbal.

Vinda da porta, ouve-se uma pancada sinistra que resôa pelo ambiente num presagio de morte.

«A esposa» (*soturnamente, num eco longinquo*).—Ouviram? (*Todos fazem vagarosamente um sinal com a cabeça*).

«O filho» (*a custo*)—Quem é?

«Mendes» (*cheio de pavor*)—E' a colera de Deus...

«A esposa» (*idem*) — E' a maldição da justiça...

«A filha» (*idem*)—E' o castigo do ceu...

«Uma voz» (*da porta*)—E' a policia!

«Todos»—Oh!

«Outra pausa» — *Em gestos de somnanbula, a esposa desce do candieiro e maquinalmente, como um fantoche de medo, vae abrir a porta, emquanto Mendes deixa tombar a cabeça esmagada pelo remorso.*

«O 1026» (*policia vulgar de Lineu, bigode e estupidez adjacentes, entrando*).—Mora aqui o sr. Mendes?

«Mendes» (*descendo do candieiro, sem a minima noção do que faz, como um farrapo*).—Sou eu... Sei que o meu acto não tem perdão! Entrego-me á justiça dos homens...

«O 1026» — Pois sim mas já agora faça-me um favor, pela sua saude! Eu tenho mulher e oito filhos e ganho sete mil e quinhentos por dia! Dê-me um pedaço de chouriço...

«A esposa» (*cortando o chouriço*)—Aqui tem!

«O 1026»—Bem haja, alma caridosa, Dê cá um abraço! E (*a Mendes*) descance que eu saberei ser grato! Ando aí com o olho numa mão de nabos que está ali num logar e se lhe deito a unha, não me esqueço de lhes vir cá trazer um! (*sae muito contente*).

«Mendes» [*empunhando o pedaço do chouriço*] — Irra! Estou farto de ser honrado Comamos o chouriço!...

O DOMINGO ILUSTRADO

VAE FAZER UM CONCURSO DE NOVELAS

Com 9 PREMIOS

No proximo numero publicaremos as condições do nosso novo concurso de novelas curtas que por certo vae despertar um extraordinario interesse.

Assim, satisfazendo a aspiração de muitos novos escritores, vamos abrir n'este certamen uma maneira simples e curiosa de todos os que se sentem com aptidões para as letras verem os seus desejos realizados.

No proximo numero publicaremos detalhadamente as condições do

Concurso de novelas curtas

RESPOSTAS A CONSULTAS

AUGUSTO IMPERADOR—Força de vontade, muito impaciente, boa inteligencia ideias originaes. Sentimento de arte, em qualquer das suas manifestações, generosidade prodiga, idialista. Domina-se mal, mudavel, inconsciente ás vezes, ordem nos objectos, e désordem de ideias. Adora o dinheiro, mas, não o sabe administrar. Impulsivo, dominador, descontente de si proprio, gosta de livros. Parece pedante e vaidoso, mas no fundo não é, nervos tortes.

JOSÉ RIOS—Boa memoria, caracter impulsivo e apaixonado, temperamento exaltado e bastante romantico. Originalidade, muita generosidade, acostumado a mandar bom, juizo e rapido, das coisas, resoluções rapidas. Sensualmente cerebral, bom gosto para o lar, amor á verdade, pouco vaidoso mas muito orgulho intimo.

MARIA DELFINA.—Força de vontade, amor á estetica, tenacidade, habitos de trabalho, sentimento da sua dignidade até ao maximo grau. Resoluções prontas e inalteraveis, generosidade moral e material, ideias lagas humanitarias, admirador de Antero do Quental se não me engano.

Sentimento e temperamento de artista, pouca vaidade, nervos fortes bem equilibrados, afavel no trato e simples nos gostos e vestir. Amor ao conforto mais que ao luxo e á ostentação.

A. POSCAM.—Força de vontade simples trabalhador e dedicado, generoso, por impulso, mas tendo que se arrepender ás vezes. Bom administrador de si proprio e dos outros se lhe confiam algo, infantil nos gostos e diversões, muito sensual. Guloso, interiormente vaidoso, um pouco acanhado com certas pessoas. Memoria explendida, amor á familia, bom matematico, nada mentiroso.

LIRIFANDE?—Bôa força de vontade com rajadas de impaciencia, não é parvo mas gosta de o parecer. Impulsivo, valente, ordenado, inteligencia desaproveitada, mentiroso para se divertir. E' bom e mau e nem mesmo sabe ás vezes o que quer, mas estas intermitencias são curtas, nervos deprimidos.

F. de TAL.—Muito bom gosto para tudo, nervos bem equilibrados, ideias independentes, amor á musica, generoso, muito amigo de proteger. Muito orgulhoso mas digno e bem entendido, energico, audaz, sentimento de poesia. Trato afavel, grande amor á verdade.

A. FERREIRA NEVES.—Orgulho e vaidade, ambição egoismo, habitos de trabalho, inteligente, ativo, sempre descontente. Amor á dança, lê muito, mas fatiga-se, ordem, aceio, amor aos sports. Boa memoria, sensualidade forte, habilidade manual.

LINCOLN.—Inteligencia, cultura, bom gosto e simples, nenhuma vaidade. Generosidade, energia moral, inventiva, amor aos livros e á sciencia. Temperamento artista, boa memoria para o estudo, nenhuma para os objectos.

GOGELDO DE SANTA JUSTA.—Boa força de vontade, inteligencia clara mas lenta, tenacidade. Violencias de caracter, rude mas franco e aberto, com lealdade para os amigos, habilidade manual, sentimento de poesia. Generosidade bem entendida, muito sensual e nada mentiroso, nem parece estudante!

ATHOS.—Energico, recto e puro como a personagem do pseudonimo. Ideias humanitarias, sonhador de ideias sociaes, inteligencia cultivada, bom gosto, pensa muito, é trabalhador. Simples no trato, sem vaidade e sem orgulho, valente, generoso... um conjunto de explendidas qualidades.

JOAQUIM SILVEDO.—Leia o grafismo anterior. A não ser um pouco mais de nervosa, nada tenho que acrescentar.

C. B. G.—Muita sensualidade, boa e dedicada, constante mas afeções. Generosa, sabe perdoar, gosta de bonecas e de flores. Reservada, discreta, amor á verdade.

JULIO VELHO.—Pouca força de vontade com vontade de ter muita... Nervoso, impaciente, com teimosias. Vaidade intima, generosidade, bôa inteligencia. Bom amigo, lealdade, gosta de ler mas fatiga-se prontamente, afavel no trato, trabalhador. Amor á verdade, amigo de brincar com os outros.

NÃO ME PRENDAS.—Imaginação exaltada e dada a fantasias—bondade, energia moral—bom gosto, pouca vaidade, muito orgulho—amor á estetica, afeição á pintura—influencia nas ideias—forte sensualidade.

MAIS VALE TARDE:— Otimismo — algo de creanças,—egoista de puerilidades—boa memoria mas um pouco destrambelhada—grande afinidade com o estudo anterior.

SAYD.—Amigo de fazer figura, pouca generosidade intima—Muito nervoso—Custa-lhe dominar-se mas consegue-o—Lial, reservado, não mente—Resoluções rapidas e muita sensualidade.

ZEQUI-TOLAS.—Boa inteligencia, ideias proprias, habitos de trabalho mas com raiva ao mesmo—Boa memoria, um tanto idialista—Imaginação — palavra facil—boa saude—Generosidade como convem—Sentimento de poesia, amor aos livros.

A'. do O'.—Boa força de vontade, algo impaciente, muita originalidade, boa memoria, ideias independentes. Caracter impulsivo e mudavel, temperamento sensual e ciumento, energico, impetuoso. Ordem, generosidade bem entendida, muito orgulho e pouca vaidade.

MARIA DAS AVENIDAS.—Muitos nervos, muito egoismo, bom gosto no vestir, espirito religioso, intuição, pouca vaidade, voluntariosa, desordem, tenacidade, reserva absoluta.

J. de S.—Força de vontade media, pessimismo, cansaço moral, amor á leitura. Dedicação, um pouco de desconfiança pelos outros. Naturalmente não consideramos porque é raro que alguem se conheça a si proprio.

ARMANDO GARCEZ.—Força de vontade, impaciente, habitos de trabalho, administra-se bem, mais esperto que inteligente. Vaidade, generosidade, gosta de quadras populares, constante nas afeições, nervos bem dominados. Diplomata quando quer.

MARIO DE SANTA CRUZ.—Inteligente energico, trabalhador—odiando o trabalho. Impulsivo, violento ás vezes, original no trato, ideias proprias e muito independentes. Ciumento a pezar seu, sentimento de poesia, sensualidade forte, pessimista, generoso quasi prodigo, voluntarioso, sentimento artistico, intuição. Ordem nos objectos, aseio moral e material.

BRIGUE Á VELA.—Imaginação, boa memoria, assimilação intelectual, bom gosto, generosidade, prodigalidade, caracter impulsivo e apaixonado. Amor á mentira, um pouco inconvenientemente, palavra facil e agradavel conversa.

JOÃO CAMARÃO.—O estudo anterior com ideias destrambelhadas e menos generosidade.

BAULIA PEREIRA.—Inteligencia pouco cultivada, optimismo, curiosidade, gosta de musica e de ouvir cantar o fado mais que outra coisa. Pouca vaidade, generosidade, bom coração, dedicação, ordem, aceio, amor á leitura.

A DAMA ERRANTE

Muito importante.—São ás desenas as consultas que recebo todos os dias. Devido ao limite do espaço, não posso responder a todas as cartas tão rapidamente como desejam os consulentes. As cartas são numeradas pela sua ordem de recepção e as respostas seguem essa mesma ordem.

Peço por isso aos meus clientes um pouco de calma e paciencia...

Tambem rogo o favor de não me mandarem consultas escritas a lapis porque de nada me servem.

D. E.

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para—*A DAMA ERRANTE*.

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

Actualidades gráficas

O IN-MEMORIAM DE ANGELA

A DIPLOMACIA

O moço e brilhante escriptor Correia da Costa, um dos valores mais brilhantes da moderna geração e que acaba de ser nomeado Consul em Irun.

Primorosa caricatura em que Amarelhe fixa a expressão da insigne comediante agora glorificada com a publicação do monumental in-memoriam publicado pela brilhante revista «de Teatro» e sob a direcção do distincto critico Nogueira de Brito, livro que abteve um exito formidavel, como era de esperar.

NOS SPORTS

BESSONE BASTO famoso nadador que acaba de obter o 2.º premio na Travessia de Lisboa. ANTONIO SOARES, cujo retrato demos no ultimo numero correu extra-oficialmente.

OS DOIS NOVOS SOCIETARIOS DO TEATRO NACIONAL

ANTONIO PINHEIRO, um mestre da nossa scena e que reingressa no quadro dos societarios do Nacional, dando á scena de Garrett o seu prestigio.

JOAQUIM DE OLIVEIRA, um novo de merito, muito estudioso e que se tem distinguido bastante ultimamente, que entra na casa de Garrett por direito de conquista.

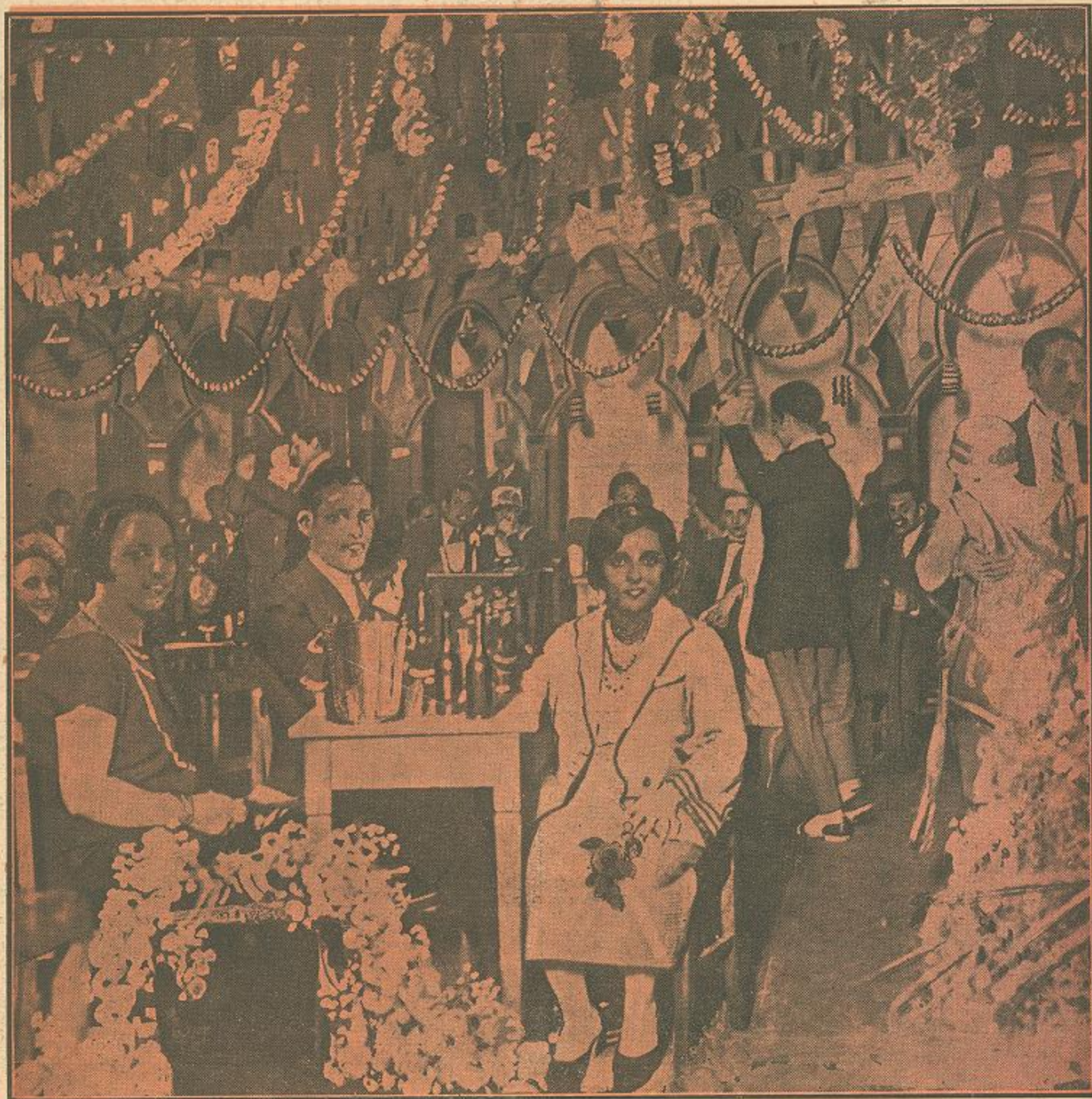
PUBLICIDADE

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

As noites alegres e estonteantes do Alhambra!

O Alhambra é o centro da alegria lisboeta, o grande "dancing" feerico do Avenida Parque e onde todas as noites se reune a mocidade estuante de vida e de prazer. Eis um momento em que repousam da loucura dos "jazz-bands" alguns frequentadores do elegante centro.